



**VALENTIN N. VOLÓCHINOV:  
UM FILÓSOFO DA CIÊNCIA DA LINGUAGEM**

**VALENTIN N. VOLOŠINOV:  
A PHILOSOPHER OF THE SCIENCE OF LANGUAGE**

Filipe Almeida Gomes<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto aborda o trabalho do estudioso russo Valentin N. Volóchinov, autor da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*. O objetivo é demonstrar um conjunto de características que situam Volóchinov como um partícipe do movimento de crítica das ciências, o qual teve seu epicentro na Alemanha, entre os anos 1840 e 1900. Para isso, além de uma reflexão geral, que recupera a acepção do termo “crítica” mais presente no ambiente acadêmico da época, são considerados dois pontos da muito mencionada – e, ao que tudo indica, um tanto mal compreendido – oposição do pensador russo à linguística de Ferdinand de Saussure, tal como essa última é apresentada no *Curso de linguística geral*. Ao fim, a título de provocação, são esboçadas algumas palavras a respeito da proximidade entre os trabalhos epistemológicos de Valentin N. Volóchinov e Wilhelm Dilthey.

**Palavras-chave:** Volóchinov; Saussure; linguística geral.

**Abstract:** This text address the work of Russian scholar Valentin N. Vološinov, author of the book *Marxism and the Philosophy of Language*. The objective is to demonstrate a set of characteristics that place Vološinov as a participant in the critique of science movement, which had its epicenter in Germany, between the years 1840 and 1900. To this end, in addition to a general reflection, which recovers the meaning of the term “criticism” most present in the academic environment of the time, this text considers two points of the much mentioned – and, apparently, somewhat misunderstood – opposition of the Russian thinker to the linguistics of Ferdinand de Saussure, as this linguistics is presented in the *Course in General Linguistics*. Finally, by way of provocation, this text outlines a few words about the proximity between the epistemological works of Valentin N. Vološinov and Wilhelm Dilthey.

**Keywords:** Vološinov; Saussure; General Linguistics.

*A nossa época é a época da crítica, à qual tudo tem que se submeter.*  
Immanuel Kant

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O objetivo do presente texto é demonstrar que o trabalho do estudioso russo Valentin N. Volóchinov [1895-1936] apresenta um conjunto de características que o colocam como uma espécie de partícipe do movimento de crítica das ciências, que teve seu epicentro na Alemanha, entre os anos 1840 e 1900. Para isso, nas próximas páginas,

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Programa de Pós-graduação em Letras, Campus Coração Eucarístico, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. filipegomeslc15@gmail.com.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7356-3128>.

além de aventar as considerações epistemológicas presentes em alguns dos escritos de Volóchinov, destaco dois pontos da oposição que nosso autor apresenta, em *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (doravante, também *MFL*), original de 1929, à linguística de Ferdinand de Saussure [1857-1913] – tal como essa última é apresentada no *Curso de linguística geral* (daqui por diante, *CLG* ou *Curso*), original de 1916.<sup>2</sup>

## 1. VOLÓCHINOV NO MOVIMENTO DE CRÍTICA DAS CIÊNCIAS

É bem conhecido o fato de que vários termos do léxico cotidiano, nas mais diferentes línguas naturais, possuem significados mais específicos no âmbito científico. Um caso exemplar é o termo português “crítica” e seus equivalentes em outras línguas. A despeito do atual uso cotidiano mais frequente, pelo menos desde Immanuel Kant [1724-1804]<sup>3</sup>, o termo “crítica” tem sido utilizado, no âmbito científico, para designar um exame livre e público – por vezes, pormenorizado – do que fundamenta uma dada explicação de certo fenômeno, ou seja, um exame livre e público dos pressupostos, conceitos e métodos de uma determinada teoria. Assim, ao menos desde Kant, o termo “crítica” tem sido manejado para fazer referência a uma investigação dos fundamentos.<sup>4</sup>

De fato, em Kant, a investigação dos fundamentos é um expediente da filosofia com vistas a propiciar a legitimação das ciências físico-matemáticas. Daí, então, falar-se de uma “doutrina da ciência” (*Wissenschaftslehre*). Contudo, em virtude dos inegáveis êxitos científicos posteriores a Kant, a ideia de que o papel da filosofia era legitimar as ciências físico-matemáticas mostrou-se completamente inaceitável, o que engendrou, a partir de 1840, uma crise de identidade da filosofia (PORTA, 2011; BEISER, 2017).

Nesse contexto, é o filósofo Adolf Trendelenburg [1802-1872] que irá estabelecer uma nova concepção de filosofia, encontrada, também, no movimento neokantiano que se seguiria. Agora, em vez de a filosofia ser definida como uma “doutrina da ciência” (*Wissenschaftslehre*), em que a investigação dos fundamentos tem o propósito de prover uma legitimação das ciências, a filosofia passa a ser pensada como uma “teoria da ciência” (*Wissenschaftstheorie*), em que a investigação dos fundamentos tem o fito de refletir sobre a lógica das ciências, elucidando os limites e as condições de validade de seus pressupostos, conceitos e métodos (PORTA, 2011; BEISER, 2017).

Aqui, certamente, caberiam apontamentos sobre as especificidades terminológicas e conceituais que se apresentam na esteira de expressões como “filosofia da ciência” e “epistemologia”, em diferentes épocas e línguas. Mais do que isso, porém, importa observar que, a partir de meados do século XIX, a crítica, enquanto investigação dos fundamentos, ganha espaço em relação aos mais variados objetos.

Recordemo-nos, por exemplo, do robusto debate em torno da fundamentação das ciências humanas, em que se destaca o filósofo alemão Wilhelm Dilthey [1833-1911] e

---

<sup>2</sup> Por vezes, considera-se que as anotações de alunos – como aquelas de Albert Riedlinger relativas ao primeiro curso de linguística geral, ministrado por Saussure em 1907 (cf. SAUSSURE, 1996) – ou os manuscritos do próprio Saussure (cf. SAUSSURE, 2004) tendem a revelar reflexões, em alguma medida, diferentes daquelas apresentadas no *CLG*. Entretanto, a despeito dos juízos que se possam fazer da relação entre *CLG* e textos autógrafos, convém reforçar que Volóchinov só pôde conhecer o *CLG*, haja vista que a publicação de textos autógrafos iniciar-se-ia somente a partir dos anos 1950.

<sup>3</sup> Não é demais lembrar que Kant publicou *Crítica da razão pura*, em 1781, *Crítica da razão prática*, em 1788, e *Crítica da faculdade de julgar*, em 1790.

<sup>4</sup> A esse respeito, vale conferir a nota complementar que Kant elabora no prefácio da primeira edição de sua *Crítica da razão pura*.

seu empreendimento de uma crítica da razão histórica, que buscava elucidar os pressupostos, conceitos e métodos para um efetivo estudo da história e da sociedade. Em acréscimo, lembremo-nos de que o filósofo neokantiano Ernst Cassirer [1874-1945] também empreende uma investigação dos fundamentos. Porém, em vez de estar direcionada a uma dada ciência, a investigação dos fundamentos executada por Cassirer tinha no radar as formas simbólicas, isto é, cada um dos modos específicos de apreender e configurar o mundo (*e.g.*, linguagem, ciência, mito, arte etc.).

No que diz respeito à ciência da linguagem (*Sprachwissenschaft*) – se se quiser, simplesmente “linguística” –, a investigação dos fundamentos aparece, por exemplo, na obra do linguista alemão Karl Vossler [1872-1949]. Em seu *Positivismus und Idealismus in der Sprachwissenschaft: Eine Sprach-Philosophische Untersuchung*, publicado em 1904, Vossler realiza exatamente aquilo que o título antecipa: uma investigação dos fundamentos da ciência da linguagem.<sup>5</sup>

A investigação dos fundamentos atinente à ciência da linguagem mostra-se, também, no empreendimento do linguista suíço Ferdinand de Saussure [1857-1913]. Logo, não é sem razão que pesquisadores criteriosos, cada um com suas particularidades, consideram que, no trabalho de Saussure, tem-se uma “filosofia da linguística” (cf. BOUQUET, 2004) ou, se se quiser, uma “epistemologia da linguística” (cf. NORMAND, 2011).

Tendo em mente, então, todo esse contexto em que a crítica – reforço: a investigação dos fundamentos – revela-se central no fazer científico, parece-me ser necessário dizer algo sobre os escritos do estudioso russo Valentin N. Volóchinov. Estritamente falando, julgo ser necessário compreender que o trabalho de Volóchinov reflete seu interesse pela investigação dos fundamentos.

Em favor dessa afirmação, convém observar que os dois textos de Volóchinov a respeito da obra de Beethoven, publicados no início dos anos 1920 – portanto, ainda antes de sua entrada no Instituto de História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente (ILIAZV) (cf. GRILLO; AMÉRICO, 2019) –, já atestam o apreço de nosso autor pela questão dos fundamentos. Naquelas páginas, Volóchinov propõe que, na base da criação sonora de Beethoven, o que há é a transformação de um princípio ético em um princípio estético (VOLÓCHINOV, 2019a; 2019b). Assim, vê-se uma preocupação com os fundamentos da criação sonora de Beethoven. Nesse caso, temos a crítica de uma obra estética.

Em adição a isso, há um fato que parece passar despercebido por muitos: no ILIAZV, Volóchinov era um pesquisador vinculado à Subseção de Metodologia da Literatura (GRILLO; AMÉRICO, 2019), a qual encabeçava uma oposição sociológica à incipiente “ciência autônoma da literatura”, tal como proposta pelos partidários do Método Formal (cf. EIKHENBAUM, 1976). E isso, que à primeira vista pode parecer irrelevante, indica-nos que o pesquisador russo estava acostumado a reflexões em torno dos fundamentos científicos; especialmente, acostumado a reflexões em torno dos fundamentos científicos do estudo da literatura.

É possível dizer, ainda, que a atenção de Volóchinov à questão dos fundamentos aparece, também, no ensaio “Do outro lado do social: sobre o freudismo” e no livro *O freudismo: um esboço crítico*, publicados respectivamente em 1925 e 1927. Em ambos os escritos, o pensador russo preocupa-se em examinar a validade e os limites daquilo que

---

<sup>5</sup> Vale destacar: não é por mera coincidência que o capítulo que enceta a discussão epistemológica presente em *MFL* – nomeadamente, o capítulo “Duas tendências do pensamento filosófico-linguístico” – traz, com absoluta naturalidade, uma versão em russo da expressão alemã *Sprach-Philosophische* (em português, “filosófico-linguístico”), presente na obra de Vossler desde o próprio título.

está na base do pensamento freudiano. Nesses casos, temos uma crítica do pensamento em Psicologia.

Além de tudo isso, vale recordar o ensaio “Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística” (daqui por diante, também *SFPL*). Afinal, nesse texto original de 1930, nosso autor faz uma constatação epistemológica sutil e significativa: em seus estudos, o crítico literário Viktor Vinogradov incorreu no equívoco de mesclar duas posições teóricas não somente distintas, mas, sobretudo, incompatíveis, quais sejam as propostas da escola de Saussure e as propostas da escola de Vossler (cf. VOLÓCHINOV, 2019c, p. 198). Como se vê, essa constatação indica, mais uma vez, a diligência do autor de *SFPL* com a questão dos fundamentos. Nesse caso, temos uma crítica dos estudos literários.

Em que pesem os casos mencionados, julgo que é em *Marxismo e filosofia da linguagem* que assoma com maior nitidez a destreza de Volóchinov na lida com os fundamentos que sustentam a abordagem em torno de um determinado objeto ou fenômeno. Nesse sentido, é preciso lembrar que, no capítulo “Duas tendências do pensamento filosófico-linguístico” – capítulo inicial da segunda parte de *MFL* –, Volóchinov apresenta as seguintes questões: “Qual é o objeto da filosofia da linguagem? Onde podemos encontrá-lo? Qual é a sua realidade concreta e material? Qual é a metodologia da sua abordagem?” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 143).

Como se sabe, tais questões preparam o terreno para as observações de Volóchinov acerca do que denomina “subjetivismo individualista”, que atribui a Karl Vossler e seus partidários, e do que intitula “objetivismo abstrato”, que atribui a Ferdinand de Saussure e seus seguidores. E é por isso que, nos últimos parágrafos do capítulo “Língua, linguagem e enunciado” – segundo capítulo da segunda parte de *MFL* –, nosso autor relembra essas questões, afirmando que, aos olhos da escola de Saussure, o objeto específico da ciência da linguagem é o sistema linguístico, compreendido como um sistema de formas linguísticas – ou, em termos efetivamente saussurianos, de signos – de caráter normativo e imutável, enquanto, na ótica da escola de Vossler, o objeto específico da ciência da linguagem é o ato discurso individual e criativo.

Sendo assim, parece um tanto claro que, como o próprio Volóchinov ressalta – inclusive recorrendo a destaques gráficos (cf. VOLÓCHINOV, 2018, p. 147 e 172) –, tais questões dizem respeito aos princípios, aos fundamentos de uma reflexão que toma a linguagem como um objeto específico de pesquisa. Portanto, adequadamente compreendidas, as referidas questões revelam o interesse do pesquisador russo no trabalho de crítica das ciências, de modo geral, e no trabalho de crítica da ciência da linguagem, de modo específico.

E é diante dessas circunstâncias que, nas páginas seguintes, quero demonstrar a maneira como, em relação à linguística geral da escola de Saussure, nosso autor estabelece uma investigação dos fundamentos, considerando os limites e as condições de validade de seus pressupostos, conceitos e métodos.

## **2. A DISTINÇÃO ENTRE LÓGICA SINCRÔNICA E LÓGICA DIACRÔNICA**

Desde o início de suas observações a respeito do objetivismo abstrato, Volóchinov faz questão de pôr em relevo o que entende ser um caráter normativo e, portanto, imutável, das formas linguísticas e da *langue*. Em outras palavras, desde o princípio de sua discussão em torno da escola de Saussure, o pensador russo destaca a ideia saussuriana de que os signos linguísticos – e, conseqüentemente, o sistema de signos – são impostos ao falante e à comunidade linguística e, por isso, não podem ser mudados.

No conjunto de suas considerações, Volóchinov (2018, p. 157) relaciona essa normatividade e essa imutabilidade das formas linguísticas a “uma lei que vigora no interior do sistema linguístico”, ou seja, na *langue*. E aqui, então, podemos ver a familiaridade de nosso autor com o texto do *CLG*. Isso porque, ao que tudo indica, o que Volóchinov chama de “lei” é o princípio da arbitrariedade do signo, que consta no *Curso*, no capítulo “Imutabilidade e mutabilidade do signo”, como a primeira dentre as quatro considerações “mais essenciais, mais diretas” (SAUSSURE, 2012, p. 113) a respeito da imutabilidade. A esse respeito, observo as palavras presentes no *CLG*:

1 – *O caráter arbitrário do signo*. Vimos que o caráter arbitrário do signo nos fazia admitir a possibilidade teórica da mudança; aprofundando a questão, vemos que, de fato, **a própria arbitrariedade do signo põe a língua ao abrigo de toda tentativa que vise a modificá-la**. A massa, ainda que fosse mais consciente do que é, não poderia discuti-la. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 113, itálico do autor, negrito acrescido).

É justamente o que está dito nesse excerto que parece suscitar a afirmação volochinoviana de que

o indivíduo precisa aceitar e assimilar esse sistema [*i.e.*, a *langue*] por inteiro, como ele é; dentro dele não há lugar para quaisquer avaliações ideológicas: pior, melhor, bonito, feio e assim por diante. Em sua essência, há apenas um critério linguístico: correto ou incorreto, sendo que a *correção linguística* é compreendida apenas como a *correspondência de uma dada forma ao sistema normativo da língua*. Portanto, não se trata de nenhum gosto ou verdade linguística. Do ponto de vista do indivíduo, a lei linguística é arbitrária, ou seja, privada de qualquer clareza e motivação natural e ideológica (por exemplo, artística). Assim, não há nem ligação natural nem correspondência (*correspondance*) artística entre a imagem fonética de uma palavra e a sua significação. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 157, itálico do autor).

Com um olhar atento sobre esses dois trechos, fica um tanto nítido que, para Volóchinov, o princípio da arbitrariedade do signo é a lei que, no interior da perspectiva saussuriana, sustenta o caráter normativo e, portanto, imutável das formas linguísticas e, conseqüentemente, da *langue*. Assim, o princípio saussuriano da arbitrariedade é a lei que conduz a uma espécie de exclusão do trabalho do falante; exclusão que abarca, como causa e como efeito, uma alegada negligência para com a história.

Como se sabe, uma rápida ida ao texto de *MFL* permite arrolar uma série de passagens em que Volóchinov destaca a normatividade e a conseqüente imutabilidade das formas linguísticas e da *langue* (cf. VOLÓCHINOV, 2018, p. 155ss). Essas passagens testificam que, no entendimento do pesquisador russo, a linguística de Saussure e seus seguidores não confere lugar ao trabalho do falante.

Ora, é justamente na esteira desse entendimento que Volóchinov (2018, p. 158) coloca em relevo uma suposta “*ruptura entre a história e o sistema da língua em seu corte extra histórico ou sincrônico (para um dado momento)*”. Posta em poucas palavras, a questão do autor de *MFL* é a seguinte: tendo a *langue*, em uma dimensão sincrônica, um caráter normativo e, portanto, imutável, como ela poderia dar conta das mudanças linguísticas que ocorrem no decorrer do processo histórico?

Diante dessa questão, o leitor mais atento do *CLG*, certamente, poderia objetar afirmando que Volóchinov não observou as considerações sobre a mutabilidade, presentes no *Curso*. Ocorre, porém, que essa não observância está ancorada em um refinado olhar sobre os fundamentos; olhar que destaca a distinção entre lógica sincrônica e lógica diacrônica. Explico.

Com efeito, o *Curso* afirma que é necessário distinguir “as esferas do sincrônico e do diacrônico”, posto que “falar de lei linguística em geral é querer abraçar um fantasma” (SAUSSURE, 2012, p. 134). Assim, no que parece ser um rigoroso

atendimento a tal afirmação, Volóchinov atenta-se para a distinção entre lógica sincrônica e lógica diacrônica, considerando:

do ponto de vista dos **fundamentos** da segunda tendência, essa ruptura dualista é absolutamente insuperável. **Não pode haver nada em comum entre a lógica que rege o sistema das formas linguísticas em um dado momento e a lógica (ou mais precisamente ilógica) da mudança histórica dessas formas.** São duas lógicas distintas; ou, se reconhecermos uma delas como lógica, a outra será ilógica, isto é, uma pura violação da lógica aceita. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 158, negrito acrescido).

Para reiterar essa distinção e demonstrar sua presença no *CLG*, o estudioso russo lança mão dos seguintes dizeres:

as ligações sistemáticas que relacionam duas formas linguísticas no sistema da língua (no corte de um dado momento) não possuem nada em comum com aquelas relações que ligam uma dessas formas à sua imagem transformada em um momento posterior da formação histórica da língua. Até o século XVI, um alemão conjugava da seguinte forma: *ich was; wir waren*. Já o alemão moderno conjuga *ich war, wir waren*. Desse modo, *ich was* transformou-se em *ich war*. **Entre as formas *ich was – wir waren* e *ich war – wir waren* existe uma ligação linguística sistemática e uma complementação mútua.** Em particular, elas estão ligadas e complementam-se entre si como o número singular e plural da primeira pessoa na conjugação de um verbo. **Entre *ich was – ich war* e entre *ich war (moderno)* e *wir waren* (séculos XV-XVI) existe uma relação diferente e totalmente específica que não possui nada em comum com a primeira, que é sistemática.** A forma *ich war*, formou-se em analogia com *wir waren*: no lugar de *ich was*, sob influência de *wir waren* (alguns indivíduos) passaram a criar *ich war*. O fenômeno massificou-se e, como resultado, um erro individual se transformou em uma norma linguística. (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 159-160, negrito acrescido).

Como se pode ler nesse excerto, inicialmente, Volóchinov reforça a distinção entre lógica sincrônica e lógica diacrônica. Em seguida, para exemplificar sua afirmação, nosso autor recorre a um exemplo apresentado no próprio *Curso*, no capítulo “A Linguística estática e a Linguística evolutiva” (cf. SAUSSURE, 2012, p. 141). Conforme aponta Volóchinov, tal como assumido no *CLG*, a lógica sincrônica – em suma, a relação de necessidade mútua e complementariedade – permite estabelecer um vínculo entre formas linguísticas pertencentes a um mesmo estado de língua. Entretanto, essa mesma lógica, ainda de acordo com o *Curso*, não permite estabelecer um vínculo entre formas linguísticas pertencentes a estados de língua distintos. Segundo observa, o que permite vincular uma forma linguística à forma linguística que lhe antecede ou sucede historicamente é a lógica diacrônica – em suma, a violação individual que, por meio de analogia, atinge uma forma normativa. Assim, ancorado no próprio *CLG*, nosso autor observa que, no pensamento da escola de Saussure, as mudanças linguísticas resultam da lógica diacrônica, que havia sido deixada de lado na definição do objeto da linguística.

Frente a tudo isso, parece claro o motivo pelo qual Volóchinov não observa as formulações do *Curso* a respeito da mutabilidade do signo. Considerando que, para a escola de Saussure, o objeto de investigação da linguística é a *langue* em seu corte sincrônico, Volóchinov compreende que, para ser teoricamente coerente, a reflexão sobre a mutabilidade, apresentada no *CLG*, deveria estar pautada na **lógica sincrônica**. E, conforme demonstra o teórico russo, não é isso que vemos. Quer dizer, no *Curso*, a reflexão em torno da mutabilidade das formas linguísticas e da *langue* ancora-se na **lógica diacrônica**, inviabilizando um tratamento adequado das mudanças linguísticas no sistema sincrônico.

Dito tudo isso, julgo que, ao basear-se na distinção entre lógica sincrônica e lógica diacrônica para desconsiderar o tratamento que o *CLG* confere à mutabilidade, Volóchinov demonstra sua refinada capacidade de examinar os limites e as condições de

validade dos fundamentos de uma teoria. Eis, então, em relação a *MFL*, mais um motivo para que consideremos Volóchinov como um filósofo da ciência da linguagem.

### 3. O RECURSO AO ELEMENTO EXCLUÍDO

Conforme visto, o que suscita o destaque de Volóchinov à distinção entre lógica sincrônica e lógica diacrônica é a importância que nosso autor confere às mudanças linguísticas que acontecem em meio ao processo histórico. E é esse mesmo aspecto, ou seja, a importância das mudanças linguísticas, que provoca outra refinada observação do estudioso russo em relação ao que considera ser o objetivismo abstrato.

Como sabemos, o *CLG* estabelece uma distinção entre *langue* e *parole*. Essa distinção é ressaltada por Volóchinov, que, em *MFL*, no capítulo “Duas tendências do pensamento filosófico-linguístico”, faz questão de utilizar as palavras registradas no *Curso*, no capítulo “O objeto da linguística”:

com o separar a língua [*langue*] da fala [*parole*], separa-se ao mesmo tempo: 1º – o que é social do que é individual; 2º – o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental.

A língua [*langue*] não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação, da qual trataremos na p. 171 *ss*.

A fala [*parole*] é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º – as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua [*langue*] no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º – o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (SAUSSURE, 2012, p. 45).

É ancorado nessa passagem que Volóchinov faz algumas considerações a respeito da *parole*, ou seja, a respeito da fala – a qual o estudioso russo, em sua própria teorização, nomeia de “ato discursivo”, cujo produto é o “enunciado” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 200).

A primeira consideração a ser observada concerne ao fato de que, segundo o nosso autor, dentro da perspectiva do objetivismo abstrato, a *parole* “não pode ser um objeto da linguística” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 168). Essa consideração, é preciso dizer, é fiel ao fato de que, no *CLG*, opta-se pela elaboração de uma linguística da *langue*. Afinal, como está escrito no *Curso*:

[...] seria ilusório reunir, sob o mesmo ponto de vista, a língua [*langue*] e a fala [*parole*]. O conjunto global da linguagem é incognoscível, já que não é homogêneo, ao passo que a diferenciação e subordinação propostas esclarecem tudo.

Essa é a primeira bifurcação que se encontra quando se procura estabelecer a teoria da linguagem. Cumpre escolher entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo; devem ser seguidos separadamente.

Pode-se, a rigor, conservar o nome de Linguística para cada uma dessas duas disciplinas e falar de uma Linguística da fala [*parole*]. Será, porém, necessário não a confundir com a **Linguística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua [*langue*].**

**Unicamente desta última é que cuidaremos**, e se por acaso, no decurso de nossas demonstrações, pedirmos luzes ao estudo da fala [*parole*], esforçar-nos-emos para jamais transpor os limites que separam os dois domínios. (SAUSSURE, 2012, p. 52, negrito acrescido).

Além da primeira consideração, Volóchinov (2018, p. 169) afirma que a alegação sobre o caráter “inteiramente individual” da *parole*, tal como aparece no *CLG*, é o “*próton pseudos* de Saussure”. Essa segunda consideração, obviamente, está em consonância com o esforço de nosso autor em defender a natureza social do enunciado – quer dizer, do ato discursivo –, tal como o faz no capítulo “A interação discursiva”.

Mais pertinente para o presente texto, é uma terceira consideração de Volóchinov, a saber, a afirmação de que, no *Curso*, o tratamento das mudanças linguísticas ocorre por meio do recurso a um elemento anteriormente excluído: a *parole*. Nas palavras do próprio Volóchinov (2018, p. 169), “o ato individual de fala, isto é, do enunciado que foi tão decisivamente colocado à margem da linguística, retorna, no entanto, como um fator necessário da história da língua”, ou seja, necessário à diacronia, âmbito das mudanças linguísticas.

Essa afirmação permite observar que o autor de *MFL* estava atento às formulações presentes no texto atribuído a Saussure. E isso porque, de fato, o *CLG* estabelece uma estreita relação entre a *parole* e as mudanças linguísticas, afirmando que “*tudo quanto seja diacrônico na língua [langue] não o é senão pela fala [parole]*. É na fala que se acha o germe de todas as **modificações**” (SAUSSURE, 2012, p. 141, negrito acrescido).

Em adição a isso, a afirmação de Volóchinov ratifica seu lugar no movimento da crítica das ciências, uma vez que, com ela, nosso autor expõe um aparente problema nos fundamentos da proposta saussuriana. Mais precisamente, o problema observado por Volóchinov é o seguinte: se, no *Curso*, o tratamento das mudanças linguísticas precisa recorrer à *parole*, isso significa que, para lidar com a história da língua, o *CLG* desvia-se do que ele mesmo já havia estabelecido, a saber, que o objeto de investigação da linguística é somente a face sincrônica da *langue*.

Frente ao exposto, é possível dizer que, com sua investigação dos fundamentos, Volóchinov encontra outro deslize na proposta que nomeia de “objetivismo abstrato”. Para o autor de *MFL*, como sintetizado alhures, “quando a história e, conseqüentemente, a mutabilidade precisaram entrar em cena nas considerações saussurianas sobre a *langue*, a *parole* foi a sua condutora” (GOMES, 2023, p. 82). Eis, então, em relação a *MFL*, outro motivo para que consideremos Volóchinov como um filósofo da ciência da linguagem.<sup>6</sup>

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas páginas anteriores, aponte que, no contexto acadêmico alemão vigente a partir de Kant, o fazer filosófico caracteriza-se, também, pelo exercício da crítica, ou seja, pela realização de uma investigação dos fundamentos. Com esse apontamento, meu intuito era ressaltar que, no contexto filosófico alemão da segunda metade do século XIX, na esteira de Kant, aquele que empreende uma investigação dos fundamentos apresenta-

---

<sup>6</sup> Ao fim de meus dizeres presentes nas seções 2 e 3, julgo pertinente recordar que, a despeito de menor ou maior proximidade com as obras de Volóchinov, a linguista Rosa Virgínia Mattos e Silva [1940-2012] chega a um entendimento similar. Ao versar sobre a distinção entre “sistema”, “norma” e “fala”, a professora e pesquisadora brasileira assume que essa proposta de Eugênio Coseriu [1921-2002] “é uma das vias pelas quais os estruturalismos procuraram superar o paradoxo saussuriano entre sistema e mudança, que fez com que Saussure excluísse do sistema a mudança e a transferisse para a fala, que, na sua teoria, fugiria ao escopo da Linguística, restringindo-a assim ao sistema e à sincronia” (MATTOS e SILVA, 2003, p. 23). Semelhantemente, a linguista Maria Fausta Pereira de Castro (2016), ao executar a leitura de um dos manuscritos saussurianos junto ao texto do *CLG*, chega a um entendimento próximo ao exposto na seção 4. Conforme pontua Pereira Castro (2016, p. 64), “é a partir do ponto de vista do falante e da coletividade – de um fato de fala que se torna um fato de língua – que Saussure trata no *CLG* da mudança linguística e, portanto, da natureza da relação entre linguagem e tempo. Vê-se, assim, a complexidade produzida pelo reconhecimento do ponto de vista do sujeito falante, isto é, a sua fala é introdutória da mudança como acontecimento imprevisível, contingente, que só se realiza na esfera da língua se adotada pela comunidade”. De onde enxergo, mais do que reforçar a pertinência da interpretação de Volóchinov, essas considerações, bem como seus desdobramentos, demonstram a relevância de uma boa investigação dos fundamentos.



se como um filósofo da ciência ou filósofo de uma determinada ciência – nos termos recentes, um epistemólogo.

Logo em seguida, dando destaque ao que está posto em *MFL*, explorei a maneira como o estudioso russo Valentin N. Volóchinov leva a termo uma investigação a respeito dos limites e das condições de validade do que está na base dos estudos sobre a linguagem. Com essa exploração, meu intuito era estabelecer o entendimento de que Volóchinov inscreve-se no movimento de crítica das ciências e, portanto, deve ser visto, também, como um filósofo da ciência da linguagem – ou, se se quiser, um epistemólogo da ciência da linguagem.

A meu ver, esse interesse de Volóchinov pela investigação dos fundamentos, na URSS das décadas de 1920 e 1930, pode ser explicado, sobretudo, pelo conhecimento que nosso autor tinha acerca do ambiente acadêmico alemão da segunda metade do século XIX, onde o embate entre as diferentes correntes filosóficas colocava a investigação dos fundamentos na ordem do dia. Prova desse conhecimento, aliás, são as constantes menções de Volóchinov a pensadores alemães envolvidos com a crítica das ciências – e.g., Hermann Cohen, Heinrich Rickert, Edmund Husserl e Ernst Cassirer.

A propósito desse conhecimento, cabe registrar o fato de que, assim como Volóchinov, em 1929, com seu *Marxismo e filosofia da linguagem*, procurava tratar da “realidade efetiva da linguagem” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 199), o filósofo alemão Wilhelm Dilthey, já em 1883, com seu *Introdução às ciências humanas*, estava às voltas com a “realidade efetiva histórico-social” (DILTHEY, 2010, p. 41). Em outros termos, anos antes de nosso autor buscar estabelecer o objeto do estudo científico da linguagem, o filósofo alemão já empreendia sua tentativa de estabelecer o objeto do estudo científico da história e da sociedade. Logo, não parece absurdo sugerir que, com o texto de 1929, Volóchinov leva a cabo um empreendimento semelhante àquele que Dilthey buscou executar em sua obra de 1883.

Ainda sobre o interesse de Volóchinov pela investigação dos fundamentos, a própria expressão russa equivalente ao português “filosofia da linguagem” convoca-nos a refletir. Afinal, como já exposto, no contexto alemão da segunda metade do séc. XIX – especialmente, a partir de Trendelenburg –, fazer *Philosophie* estava muito atrelado a empreender uma discussão sobre os princípios de uma *Wissenschaft*, ou seja, de uma determinada ciência. E é justamente nesse sentido que, por vezes, menciona-se uma “filosofia da natureza” (*Naturphilosophie*), uma “filosofia da arte” (*Kunstphilosophie*), uma “filosofia da religião” (*Religionsphilosophie*), uma “filosofia da história e da sociedade” (*Gesellschafts und Geschichtsphilosophie*) etc. (cf. WINDELBAND, 2021; DILTHEY, 2010). E mais: é justamente nesse sentido que a expressão “filosofia da linguagem” (*Sprachphilosophie*) aparece no título de uma coletânea publicada por Karl Vossler em 1923, a saber, a coletânea *Gesammelte Aufsätze zur Sprachphilosophie* – curiosamente, citada por Volóchinov como *Philosophie der Sprache* (cf. VOLÓCHINOV, 2018, p. 153).

Assim, considerando que Volóchinov estava inteirado do debate filosófico alemão e dos trabalhos de investigação dos fundamentos da ciência da linguagem realizados por Vossler e Saussure, não parece desatino admitir que sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* seja compreendida como uma obra atinente à investigação dos fundamentos da ciência da linguagem – mais precisamente, uma investigação que assume o método sociológico para pensar os fundamentos de uma ciência da linguagem. E isso, certamente, permite afirmar que o linguista russo Valentin N. Volóchinov se apresenta, também, como um filósofo da ciência da linguagem.

## REFERÊNCIAS

- BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure**. Tradução de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004 [1997].
- BEISER, Frederick. **Depois de Hegel: a filosofia alemã de 1840 a 1900**. Tradução de Gabriel Ferreira. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2017 [2014].
- DILTHEY, Wilhelm. **Introdução às ciências humanas**. Tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história. Tradução e prefácio de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1883].
- EIKHENBAUM, Boris. A teoria do “Método Formal”. [1925]. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira. **Teoria da literatura: formalistas russos**. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1976, p. 3-38.
- GOMES, Filipe Almeida. **Valentin Volóchinov: a vindicação do axiológico**. São Paulo: Contexto, 2023.
- GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. In: VOLÓCHINOV, Valentin N. (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 7-56.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Introdução e notas de Alexandre Fradique Morujão. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001 [1781].
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Contradições no ensino de português**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2003. (Repensando a Língua Portuguesa).
- NORMAND, Claudine. Saussure: uma epistemologia da linguística. Tradução de Daniel Costa da Silva. In: SILVEIRA, Eliane. (ed.). **As bordas da linguagem**. Edufu: Uberlândia, 2011, p. 11-30.
- PEREIRA CASTRO, Maria Fausta. Ler os manuscritos saussurianos com o *Curso de linguística geral*. In: FARACO, Carlos Alberto. (org.). **O efeito Saussure: cem anos do Curso de linguística geral**. São Paulo: Parábola, 2016, p. 49-71.
- PORTA, Mario Ariel González. **Estudios neokantianos**. São Paulo: Edições Loyola, 2011. (Coleção leituras filosóficas).
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de linguística geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolph Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Premier cours de linguistique generale (1907)**. D’après les Cahiers d’Albert Riedlinger / **Saussure’s first course of lectures on general linguistics (1907)**. From the notebooks of Albert Riedlinger. French text edited by Eisuke Komatsu. English translation by George Wolf. Oxford; New York; Tokyo: Pergamon, 1996.
- VOLÓCHINOV, Valentin N. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. [1929]. In: VOLÓCHINOV, Valentin N. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018a, p. 81-322.
- VOLÓCHINOV, Valentin N. O problema da obra de Beethoven I. [1922]. In: VOLÓCHINOV, Valentin N. (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e**

poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a, p. 348-351.

VOLÓCHINOV, Valentin N. O problema da obra de Beethoven II. [1923]. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin N. (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b, p. 352-358.

VOLÓCHINOV, Valentin N. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. [1930]. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin N. (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019c, p. 183-233.

WINDELBAND, Wilhelm. Was ist Philosophie? [1882]. *In*: **Präludien**: Aufsätze und Reden zur Philosophie und ihrer Geschichte. Einleitung und Anmerkungen herausgegeben von Jörn Bohr und Sebastian Luft. Hamburg: Meiner, 2021, p. 9-54.

Recebido: 14/2/2024

Aceito: 13/6/2024

Publicado: 14/6/2024